



### A USP que eu vi nascer

Muito bom dia a todos!  
Magnífica Reitora, por nos honrar com sua presença;  
Digníssimo Diretor da Escola, Roque Dechen, meu dileto amigo;  
Autoridades aqui presentes;  
Meus colegas e seus familiares.

Quando o professor Roque me telefonou, dando-me instrução para falar em nome dos meus colegas, realmente eu fiquei um pouco acanhado, sem saber direito se era uma homenagem a minha pessoa ou a minha idade.

Ainda há pouco, quando eu desfilei como filho único com 72 anos de formatura, eu me senti como ave rara, digna de um zoológico. Mas eu dou um aviso àqueles que podem sentir alguma concorrência: trata-se de uma espécie em extinção.

É muito difícil falar numa ocasião destas, tão honrosa, sem a gente se entregar por um pouco à saudade.

A ESALQ completa 75 anos de ingresso na Universidade. Eu tinha 20 anos em 1933, e me formei logo após. Senti uma alegria muito grande, achando que a Escola ia se projetar no conceito nacional e internacional, integrando uma universidade. Eu lia muito e tinha muita admiração pelas universidades americanas e européias que se dedicavam à agricultura e à agronomia, de modo que a iniciativa do então governador Armando Salles de Oliveira me encheu de orgulho e de esperança, que se concretizaram com essa magnífica universidade, da qual todos nós nos orgulhamos.

A ESALQ é um templo, ao qual nós retornamos de tempos em tempos para renovar conhecimentos, para rever amigos e para matar saudades. O conceito que fica em mim, das fotos que eu tenho do prédio principal, que eu conheci com um andar a menos, é de um templo ao qual eu sempre me reverenciei e me reverencio.

ESALQ! Passaram por aqui doze ministros de agricultura do país, vinte e quatro secretários da agricultura e seis secretários de outros misteres que não eram de engenheiros agrônomos. É uma profissão que se projeta dia-a-dia, cada vez mais, no conceito mundial. O ápice desse reconhecimento foi em 1970, quando deram o Prêmio Nobel da Paz ao nosso colega e amigo, que aqui conferenciou, Dr. Norman Borlaug. Deram a ele o Prêmio Nobel da Paz dentro do conceito de que não existe paz com estômagos vazios.

A agropecuária nesses 72 anos em que eu labuto! A profissão de engenheiro agrônomo passou por várias e peculiares fases. Quando ingressei na Escola, com apoio da minha família, eu sentia que, na tradição social do Brasil, era importante ser médico, advogado ou padre. Engenheiro agrônomo não era muito conhecido não, mas eu tive apoio de minha família e para cá acorri. A segunda fase foi a do agrônomo como profissional engajado no serviço público. Formávamo-nos e era um emprego na Escola, ou no Instituto Agronômico, ou na Secretaria de Agricultura. Eu passei meus 4 anos iniciais de agrônomo como subinspetor agrícola de fomento de frutas no Estado de São Paulo. Hoje, os agrônomos estão por todo lugar. Esta nova fase, sem prejuízo da anterior, se distingue pelo ingresso do agrônomo na iniciativa privada, nos mais diferentes misteres, seja como produtores, seja como gerentes, seja como colaboradores nas grandes empresas de insumos agrícolas.

72 anos de formado! Nos meus primórdios, eu ouvia as histórias da época épica de café nas terras férteis de mata alta. Mais tarde, pensando no assunto, eu me lembrei de que naquela época da mata alta, plantava-se café e se produziam cereais: milho, arroz e feijão, e o milho proporcionava produtos animais. A época da abertura da mata para café foi uma época de fartura de alimento barato, o que, infelizmente, muitas vezes, é omitido.





As terras férteis se cansaram. Terra cansada, terra esgotada, terra erodida. Aí houve um esforço muito grande no aproveitamento dessas terras com outras culturas. Surgiam as pastagens de capim jaraguá, de capim gordura nessas terras cansadas. Vieram os cereais, o algodão, a cana, os citros e o eucalipto. Esta fase de terras cansadas eu enfrentei, e vivi, e exerci a profissão, tomando uma pequena parte na solução do problema que era restaurar a fertilidade com adubos. E minha carreira profissional se desenvolveu a partir dos adubo, seja dos fertilizantes na empresa Manah, que eu fundei e presidi durante anos e anos seguidos.

Veio então o cerrado. Participei da abertura do cerrados na década de 1970 plantando-se arroz. Quando o terreno se tornava praguejado de ervas daninhas, semeava-se braquiaria. Formamos para mais de 50 milhões de hectares de pastagens plantadas com braquiaria. Depois de um ou dois anos de arroz, geralmente em terras fracas de cerrado. Essa braquiaria não serviria pra nada se não houvesse ao mesmo tempo um transformador da forragem em carne. E aí se deu o grande milagre: nelore e braquiaria.

Vieram os anos 80.\_ Aí chegaram os gaúchos, que já tinham alguma prática de plantar em terra fraca de coxilha. E invadiram o Brasil para abrir o cerrado e plantar soja. E a soja ensejou, no clima privilegiado que nós temos, a safrinha, as duas culturas por ano que enriqueceram sobremaneira o nosso país.

Eu tive o privilégio de acompanhar o Dr. Borlaug por duas vezes ao Brasil Central para ver o cerrado e me permito tomar um minutinho do tempo de vocês para ler as citações do professor Borlaug em algumas cartas que me dirigiu.

Diz ele, por escrito: "Estou convencido de que o que está ocorrendo no Cerrado é um dos mais espetaculares eventos de desenvolvimento agrícola que já se realizou no mundo nos últimos cem anos". Numa ocasião menos formal, ele falou "o que eu vejo no Cerrado é o maior acontecimento da história da agricultura", depois ele não confirmou uma citação tão abrangente. Disse ele ainda "Eu jamais poderia imaginar que durante minha vida pudesse presenciar o desenvolvimento de uma tecnologia que iria converter essas grandes áreas de solo infértil e com boas chuvas de uma vegetação de campo, de arbustos, para um solo agrícola altamente produtivo".

Guardem essas palavras de uma personalidade Prêmio Nobel da Paz, personalidade de projeção internacional na agricultura: "Eu jamais poderia imaginar que durante minha vida pudesse presenciar o que aconteceu no Cerrado". E terminava da seguinte maneira: "Eu ousou prever que lá pelo ano 2010 haverá uma tremenda quantidade de grãos básicos- arroz, milho, sorgo, soja e feijão-, a ser exportada para os mais diversos países do mundo, a qual será produzida no Cerrado".

Das grandes conquistas da agricultura, mencionei o Cerrado. E agora lembro o maior acontecimento agrônomo da minha carreira: o plantio direto. Fala-se e abusa-se do termo sustentabilidade. Definindo sustentabilidade como uma atividade que permanece estável e progressista para o futuro, é preciso começar preservando e melhorando o solo. Nunca consegui, - na minha carreira-, me satisfazer até a chegada do plantio direto. Haverá proximamente, a edição de um livro aqui da Escola, que vai se dedicar integralmente ao plantio direto, e para o qual eu fui honrado com o artigo introdutório.

Para o futuro, tenho em mãos aqui um livretinho do professor Borlaug dizendo: "Alimentando o Mundo de 10 Bilhões de Pessoas". Ele escreveu isso em 2003 e eu estou traduzindo alguns trechos. Dez bilhões de pessoas vão requerer alimento, o que vai exigir uma expansão da produção, seja em área, - horizontalmente-, seja em tecnologia -verticalmente-. Haverá então oportunidades crescentes para a nossa profissão.

Dentro desse contexto, o que eu enxergo para o futuro na agronomia: um aperfeiçoamento de todas as tecnologias que nós já conhecemos e um progresso estrondoso da nova tecnologia, que é a biotecnologia. Dizia o prof. Borlaug em público "em biotecnologia todas as fantasias são possíveis", e ele





UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"



Av. Pádua Dias, 11 Caixa Postal 9 Piracicaba / SP 13418-900

brincava dizendo: "se pudesse trazer para o trigo a resistência à ferrugem do arroz, seria uma vitória; se eu pudesse levar para o arroz a capacidade de exigir pouca umidade do trigo, seria outra vitória".

Para ser um agrônomo, em sua plenitude, nós temos que ter amor à terra, à floresta, aos animais e à técnica. Só com amor a esses fatores é que nós seremos bons agrônomos. Somente exercer agronomia sem um engajamento pessoal total, é ficar pela metade do caminho.

Essa a expansão da agricultura, com a dedicação que eu vejo em vocês todos. Podemos enxergar o papel que o Brasil vai exercer na alimentação dos 10 bilhões de pessoas. Por quê? Porque aqui nós temos calor, luz e chuva! Somos imbatíveis no desenvolvimento de uma agropecuária a nível mundial, pensando nos 10 bilhões de pessoas!

Para terminar, -eu acho que já estou muito longo-, novamente eu volto ao professor Borlaug neste livreto. Ele transcreve uma opinião, que ele aceita, exarada por alguns especialistas na ciência em geral. Diz ele, diz ele não, repete ele: "Poucos cientistas acreditam que a agricultura é a ciência modelo ou a principal ciência. Muitos acham que não é uma ciência. Todavia, foi a ciência inicial, a mãe de todas as ciências, porque é a ciência que faz a vida possível. É provável que, antes do fim do século, o sucesso ou o fracasso da ciência como um todo seja julgado conforme o sucesso ou o fracasso da agricultura".

Essa é a perspectiva para os próximos anos, para esse futuro fantástico que está para vocês executarem. Eu não estarei presente, mas auguro a todos meus votos de sucesso para a nossa digna e magnífica carreira. Muito obrigado!

**Fernando Penteadó Cardoso (F-1936)**

Presidente da Fundação Agrisus e ingressante na ESALQ em 1933, sendo aluno na ocasião da fundação da USP

